

NOTAS SOBRE O COMPORTAMENTO VERBAL*

Graziela Freire Vieira**
Ilma A. Goulart de Souza Britto
Universidade Católica de Goiás

Ao longo das últimas décadas a psicoterapia têm-se tornado uma fonte de controle comportamental importante na vida de várias pessoas. A interação verbal, que ocorre em terapias analítico-comportamentais, tem sido foco de estudo de muitos terapeutas behavioristas que buscam respostas a importantes questões que envolvem a prática clínica. O falar é, comumente, o principal instrumento de intervenção terapêutica, mas ainda há muito a ser estudado para que possamos responder a perguntas sobre como modificar o comportamento do cliente através das trocas verbais (Banaco, 2007).

Quando do início da prática da terapia comportamental, o estudo da relação terapêutica e o comportamento verbal foram deixados em segundo plano. Nas últimas décadas estes fatores passaram a ser considerados como primordiais para o processo de mudança (Medeiros, 2002). Hamilton (1988) relata que o descuido em relação ao estudar o comportamento verbal é incoerente, já que as interações dentro da clínica são em sua maioria verbais. Neste sentido, a interação verbal dentro do ambiente terapêutico pode ser considerada como o maior recurso do terapeuta para propiciar as mudanças no comportamento do cliente

* Artigo publicado no Volume 23 da série Sobre Comportamento e Cognição: desafios, soluções e questionamentos em 2009, org. por R. C. Wielenska (pp. 371- 379). Santo André, SP: ESETec.

** Parte da Dissertação de Mestrado da primeira autora sob orientação da segunda.

O relato verbal é descrito por de Rose (2001) como sendo uma fonte de dados mais utilizada na psicologia, constituindo a base de entrevistas clínicas, avaliações padronizadas, entre outras. Mas além de ser uma fonte de dados, o relato verbal é uma forma de comportamento que, de acordo com a Análise Comportamental, é um operante verbal, que é emitido, supostamente, sob controle de um estado de coisas, que tem função de estímulo discriminativo, podendo assim, ser incluído na categoria de comportamento verbal de Skinner do tipo 'tato'.

Medeiros (2002) argumenta que dentre as manipulações do comportamento verbal, os mandos disfarçados e os tatos distorcidos são os de maior relevância. O autor ressalta a importância do treino do tato para aperfeiçoar as análises funcionais feitas pelo cliente e torná-lo apto a manipular o próprio comportamento e o comportamento das pessoas que o cercam.

Pesquisas vêm sendo realizadas com o objetivo de isolar as variáveis existentes no processo terapêutico. Os principais temas estudados estão relacionados com as limitações decorrentes do uso de relato verbal como fonte principal de dados e a importância do controle de comportamentos que se estabelecem entre a díade terapeuta-cliente (Delitti, 2002). Por sua vez, Medeiros (2002) ressalta que é importante que investigações empíricas sejam feitas a respeito do comportamento verbal e da sua aplicabilidade.

O comportamento verbal

Os estudos de Skinner sobre o comportamento verbal ocorreram durante muitos anos, uma vez que a obra já vinha sendo escrita desde a década de 30. Seus estudos

se derivam do modelo explicativo da contingência de três termos: uma análise funcional do comportamento verbal (Matos, 1991; Vargas, Vargas & Knapp, 2007). Skinner (1957) inicia suas interpretações esclarecendo que o comportamento verbal é apenas uma subclasse do comportamento e não necessita de um novo termo ou de um novo paradigma de condicionamento operante.

De acordo com Skinner (1957) comportamento verbal é um comportamento operante reforçado pela mediação de outras pessoas, ou seja, o comportamento verbal age indiretamente sobre o meio, modificando-o, e sofre as conseqüências destas modificações que são mediadas pelo ouvinte, que recebe a denominação de reforço mediado. O comportamento verbal não altera o ambiente através de alterações mecânicas, seu primeiro efeito é sobre os outros homens. “Na verdade, é característico deste comportamento o fato de ele ser impotente contra o mundo físico” (p.16). Assim, ao pedir um copo d’água em um bar, ao invés de ir direto ao bebedouro, estamos agindo indiretamente sobre o meio e diretamente sobre o ouvinte, que, por sua vez, media o reforço (trazer um copo com água). São estas conseqüências que irão determinar a probabilidade de ocorrência desta resposta no futuro, ou seja, o comportamento verbal é modelado e mantido pelas práticas de uma comunidade verbal, e é este um dos fatores que o diferencia dos outros operantes.

Skinner (1957) esclarece que a definição do comportamento verbal prioriza o falante, pois o comportamento do ouvinte não é necessariamente verbal, então a explicação de comportamento verbal abrange apenas os aspectos do comportamento do ouvinte que são necessários para explicar o comportamento do falante. Falante e

ouvinte, juntos, compõem o que chamamos de episódio verbal total, que nada mais é do que a combinação de comportamentos de dois ou mais indivíduos.

Neste sentido, o comportamento verbal envolve tanto o comportamento do ouvinte, modelado pelos seus efeitos sobre o falante, quanto o comportamento do falante, que é modelado pelos seus efeitos sobre o ouvinte. Em um episódio de conversa entre duas pessoas, cada uma delas constitui uma audiência para a outra. Muitas vezes, a consequência para quem fala é produto de resposta verbal subsequente de quem ouve (Catania, 1999). Audiência é descrita por Skinner (1957) como sendo um estímulo discriminativo que controlam a emissão do comportamento verbal, pois ela sinaliza a possibilidade de reforço provido pelo ouvinte.

Skinner (1957) explica que o falante e o ouvinte podem ser a mesma pessoa e, neste caso, se engajam em atividades descritas como pensamento. O falante pode manipular, rever, rejeitar e emitir seu comportamento de uma forma modificada, isso pode variar de acordo com a função de ouvinte de si próprio. “O falante hábil aprende a modificar seu comportamento fraco e a manipular variáveis que gerarão e reforçarão novas respostas em seu repertório” (p.26)

A teoria de Skinner (1957) sobre o comportamento verbal se diferencia das outras formulações existentes que tentam explicar o comportamento verbal afirmando que o comportamento, ou qualquer um de seus aspectos devem ser atribuídos a fatos ocorridos no organismo. Estas teorias defendem que a linguagem serve para a expressão de idéias, do significado, da informação, entre outras, e são criticadas por Skinner por não serem passíveis de observação e por negligenciarem propriedades importantes do comportamento original, além de o termo linguagem privilegiar apenas

os seus aspectos estruturais. Para ele, a alternativa é procurarmos "... as 'causas' do comportamento que possuam status científico aceitável e que, com sorte, possam vir a ser suscetíveis de medidas e de manipulação" (p. 25). Skinner defende que ao emitir palavras ou frases, o falante está emitindo um comportamento, que foi selecionado em uma história de reforço no passado, sob controle de estímulos e operações estabelecidas, e o ouvinte, apenas responde aos estímulos produzidos pela resposta verbal do falante.

Vargas (2007) complementa essas explicações afirmando que a linguagem é um fenômeno cultural, e não biológico ou físico. Sem uma comunidade verbal que através de gerações seleciona os comportamentos adquiridos por outros, nenhuma linguagem seria possível. Portanto, o fato de que a linguagem requer um substrato biológico e físico não é a sua distinção crucial. "Estes substratos podem ser essenciais, mas não suficientes, da mesma maneira que é necessário um par de pernas para andar até a loja, mas isso não fornece razão suficiente do por que alguém faz isso" (p.158)

A linguagem tem um caráter de coisa, algo que a pessoa adquire, possui e faz uso, trata-se de uma abstração. O comportamento verbal compreende eventos concretos, trata-se simplesmente de um comportamento operante que se diferencia dos demais devido o seu reforço ser mediado por outras pessoas (Skinner, 1974; Baum, 2006).

Outro ponto importante da obra de Skinner é sua explicação sobre o fato de as palavras e as frases não comunicarem idéias. A visão tradicional coloca que as pessoas possuem uma idéia em sua mente e, para expressá-las, escolhem palavras como se estas fossem ferramentas (Medeiros, 2004; Baum, 2006). Skinner (1957)

explica que o falante pode até pensar no que irá falar, mas este pensar é apenas outra resposta operante e que não representa a 'causa' das palavras ou frases.

A visão tradicional também explica o comportamento do ouvinte da mesma forma, ou seja, o ouvinte recebe as informações expressas em palavras emitidas pelo falante e as decodifica para obter a compreensão das informações (Medeiros, 2004). Porém, Skinner (1957) defende que o ouvinte está respondendo aos estímulos produzidos pelo falante. Estas respostas também possuem uma história de reforço no passado que habilita o ouvinte a responder discriminativamente a um estímulo verbal.

Apesar de hoje, o livro 'O Comportamento Verbal' ser respeitado pela comunidade científica, na época de sua publicação ele foi rejeitado pelos pesquisadores. Alguns autores esclarecem que um dos motivos dessa rejeição é em função do livro de Skinner ser de difícil leitura: muitos neologismos aparecem com rápidas explicações, as análises são complexas, e as idéias têm um caráter revolucionário. Outra razão apresentada está relacionada ao fato de o livro ser interpretativo e não apresentar dados científicos, o que resultou em repulsa pelos behavioristas da época que se apoiavam em dados empíricos para combater as críticas da psicologia cognitiva. Skinner forneceu a sua formulação teórica de como as variáveis relevantes para a seleção por contingências do comportamento verbal operam no mundo social, deixando para outros pesquisadores os testes rigorosos sobre o comportamento verbal (MacCorquodale, 1969; Michael, 1984; Barros, 2003; Passos, 2003; Justi e Araújo, 2004; Medeiros, 2004; Vargas, 2007).

Outro fator que pode ter influenciado a não aceitação da obra de Skinner foi a crítica implacável de Chomsky em 1959, sobre a teoria de Skinner, que teve grande

repercussão sobre os não behavioristas e foi largamente lida e aceita. Além disso, a ausência de uma réplica do próprio Skinner fez com que as críticas de Chomsky tivessem mais repercussão que a obra de Skinner (MacCorquodale, 1969; Michael, 1984). Chomsky era claramente contra as idéias empiristas em lingüística, e para muitos sua crítica não era somente para a teoria de Skinner, mas para todas as teorias behavioristas e empiristas dos processos mentais (Justi e Araújo, 2004).

As réplicas às críticas de Chomsky só começaram há surgir dez anos após a sua resenha crítica e nenhuma dessas réplicas foi feita por Skinner, que, admitiu não ter lido a crítica completamente, e apresentou duas razões para este fato: a crítica de Chomsky não refuta o behaviorismo radical, apenas rivaliza com este e, além disso, a resenha havia sido escrita em um tom desagradável. Uma das réplicas mais significantes foi realizada por MacCorquodale (1970). A respeito da crítica de Chomsky, MacCorquodale (1969; 1970) explica que Chomsky não mostrou compreensão a respeito da diferença entre a teoria skinneriana e o behaviorismo de Watson e que sua crítica, apesar de ter certa aceitação, estava completamente errada e mostra-se irrelevante para o estudo do comportamento verbal. O autor conclui que a falta de conhecimento de Chomsky a respeito da teoria skinneriana é tão grande que sua resenha não constitui uma crítica ao livro 'O Comportamento Verbal'.

Análise Funcional do Comportamento Verbal

Para estudarmos e entendermos o comportamento verbal, Skinner (1957) nos direciona para, primeiramente, descrevermos esta subdivisão do comportamento, ou seja, a sua topografia, e posteriormente explicarmos quais condições são relevantes

para a ocorrência do comportamento, ou seja, quais são as variáveis das quais ele é função. Paralelamente a isso, é necessário relacionar o comportamento do falante ao do ouvinte para completarmos a nossa explicação sobre o episódio verbal. É importante atentarmos ao fato de que o comportamento verbal é o efeito de múltiplas causas: diversas variáveis se combinam para ampliar seu controle funcional e novas formas de comportamento surgem dessas recombinações.

Como já foi dito, o estudo skinneriano do comportamento verbal é apresentado como um exercício de interpretação referenciado em formulações sobre o comportamento. Para a ciência do comportamento, interpretar significa especificar hipoteticamente variáveis ambientais funcionalmente relacionadas com a emissão do comportamento verbal (Passos, 2003).

De acordo com Skinner (1969) “uma das tarefas da análise experimental é descobrir todas as variáveis das quais a probabilidade de resposta é função” (p. 231) E esta não é uma tarefa fácil. Esta prática distingue a análise experimental do comportamento das demais abordagens existentes. Skinner (1957) explica que “Em todo comportamento verbal sob controle de estímulo há três acontecimentos importantes a serem considerados: um estímulo, uma resposta e um reforço” (p. 107)

Passos (2003) argumenta que as variáveis independentes que controlam o comportamento verbal podem ser encontradas pela análise funcional deste comportamento. Estas variáveis devem ser passíveis de observação e manipulação, o que possibilita a verificação da relação de controle do comportamento verbal e, também, aquisição de repertório deste comportamento. Medeiros (2004) comenta que

há poucas décadas tem se observado o interesse pelo uso da análise funcional do comportamento verbal na clínica comportamental.

Matos (1991) elaborou explicações sobre as categorias de comportamento de Skinner descrevendo estas na forma de verbos e não na forma de substantivos. Chiesa (2006) esclarece que expressar em forma de verbos, dirige os psicólogos para estudos sobre o que as pessoas fazem, e os afasta de estudos das estruturas denotadas nas formas de nomes. As pessoas pensam, sentem, falam, escutam; todos são verbos.

As categorias de Skinner

A partir de análises feitas nas relações que podem se estabelecer entre os estímulos antecedentes, as conseqüências e a resposta verbal, Skinner identificou e descreveu oito categorias de comportamento verbal, são eles: comportamento ecóico, copiar texto, tomar ditado, comportamento textual, mando, tacto, intraverbal e autoclítico (Skinner, 1957; Matos, 1991).

Skinner (1957) definiu o comportamento ecóico como uma resposta verbal cujo padrão sonoro é semelhante ao estímulo discriminativo verbal. Por exemplo, ao ouvir o som 'Árvore', o falante diz 'Árvore'. Comportamo-nos desta forma a partir de vários tipos de estimulação, uma deles pode se feita em forma de um pedido, tal como (Diga Árvore) que produzem no ouvinte respostas que possuem similaridade formal e correspondência ponto-a-ponto com o estímulo discriminativo verbal. "Mas o comportamento ecóico aparece comumente na ausência de um mando explícito" (p.78). Em uma conversa, por exemplo, se um falante diz 'Fantástico!', em geral o outro falante, devido ao contexto presente, dirá 'Fantástico!'. Matos (1991) e Borloti (2004)

resumem as explicações de Skinner afirmando que o comportamento ecóico é controlado por estímulos discriminativos sonoros, à resposta é vocal e mantém correspondência ponto-a-ponto com a estimulação discriminativa e a consequência é social.

Em crianças, o repertório ecóico é mantido pelo reforço educacional, pois são úteis aos pais, professores e outras pessoas. Ele possibilita a modelagem de novas unidades de resposta sobre as quais outros tipos de reforços podem tornar-se contingentes (Skinner, 1957). Na aquisição da fala de uma criança, a imitação de alguns estímulos vocais aparece relativamente cedo. Quando o pai diz 'maçã' e a criança repete 'maçã', a resposta da criança é ecóica, pois sucede a fala do pai e as partes da resposta da criança tem correspondência ponto-a-ponto com o estímulo discriminativo. O comportamento verbal é definido pela correspondência das unidades fonéticas e não pela correspondência acústica. A pronúncia do pai e da criança, exemplificados acima, são acusticamente diferentes, mas o critério para o comportamento ecóico não está relacionado com a acústica, mas com a correspondência vocal de unidades verbais como fonemas e palavras (Catania, 1999).

O comportamento textual é definido por Skinner (1957) como uma resposta verbal cujo estímulo verbal que a controla é um texto. Diferentemente do comportamento ecóico, no textual não possui similaridade formal entre o estímulo discriminativo e o produto de resposta, pois o estímulo é de uma modalidade (visual ou tátil – como em Braille) e os padrões produzidos pela resposta são de outra modalidade (auditivos). Por exemplo, a criança responde 'árvore' na presença da palavra escrita 'árvore'.

Outra categoria descrita na obra 'O Comportamento Verbal' é a transcrição, que é definida como sendo uma resposta verbal escrita cujo estímulo discriminativo verbal também é escrito. No operante transcrição, há correspondência ponto-a-ponto e similaridade formal entre o estímulo discriminativo e o produto da resposta. Diferentemente do falar, o escrever requer apoio do meio externo, devido a isso, é necessário nos atentarmos em pelo menos três níveis de condições adequadas para a ocorrência do comportamento: 1) a obtenção de instrumentos ou materiais necessários, 2) utilizar marcas de formas diferenciadas, e 3) transmitir tais marcas ao leitor (Skinner, 1957).

Catania (1999) esclarece que um comportamento classifica-se como transcrição quando a escrita corresponder à impressa quanto à soletração, ordem das palavras e pontuação, não sendo importantes as características dos caracteres (o estímulo escrito manualmente e a resposta escrita com letras de forma).

Uma resposta escrita também pode ser controlada por um estímulo vocal, é o que chamamos de tomar ditado (Skinner, 1957). As unidades do ditado podem ser palavras, ou frases inteiras, mas letras separadas também podem servir. Isso acontece quando vamos ensinar o alfabeto a uma criança. Semelhante ao textual, o ditado envolve estímulos e respostas de modalidade diferentes, ou seja, sem similaridade formal entre o estímulo discriminativo e o produto da resposta (Catania, 1999).

Existem alguns comportamentos verbais que não possuem similaridade formal nem correspondência ponto-a-ponto entre a resposta e os estímulos que a evocam, trata-se do intraverbal. Um intraverbal é uma relação arbitrária entre a resposta verbal e o estímulo verbal que a ocasiona (Skinner, 1957). Tanto o próprio falante quanto outra

pessoa pode prover o estímulo discriminativo para o operante intraverbal. Numa situação de conversa, por exemplo, o falante é quem fornece os estímulos para a emissão de intraverbais que pode ser falado, escrito ou gestualizado (Borloti, 2004). Matos (1991) complementa afirmando que um intraverbal é qualquer resposta cuja variável de controle seja o próprio comportamento verbal anterior do emitente, pode ser, também, o comportamento verbal de uma outra pessoa, que o falante acompanha ouvindo ou lendo. Além disso, o controle do intraverbal é complexo e pode envolver elementos múltiplos, por exemplo, o intraverbal 'cinco' pode ser controlado tanto pelo antecedente '3+2' quanto pelo antecedente '8-3', ou a ordem '1, 2, 3, 4...'. Este controle também pode ser devido a cadeias comportamentais, como acontece quando recitamos um poema ou fazemos uma oração, e por associações, como quando diante da palavra 'bico', um biólogo diz 'pássaros' e uma dona de casa diz 'bule'.

Vieira-Santos e Souza (2007) apontam que as atividades realizadas por pesquisadores em estudo de categorização e quantificação dos dados podem ser descritas como um treino intraverbal, já que diante de transcrições (estímulos verbais) os categorizadores devem responder verbalmente atribuindo uma das categorias existentes num sistema de categorização. Este treino envolve a literatura da área e diversas variáveis de controle, assim, a manutenção de comportamentos intraverbais pode ajudar na análise dos dados de um estudo como este.

O mando é um operante verbal que se caracteriza pela relação especial entre a forma da resposta e o reforço recebido numa comunidade verbal. É uma resposta verbal que é reforçada por uma consequência característica e está sob controle funcional de uma operação estabelecadora. "Convém também referirmo-nos a essa

relação dizendo que um mando ‘especifica’ seu reforço” (Skinner, 1957, p. 56). O mando beneficia o falante, e o ouvinte media o reforço. Por exemplo, o mando ‘Acenda a luz’ estabelece uma ocasião na qual o ouvinte possa acender a luz. Caso o comportamento do ouvinte de acender a luz seja sucedido pela resposta verbal do falante ‘Obrigado!’, agradecimento característico de muitas culturas, pode-se dizer que esta resposta verbal do falante visa assegurar um comportamento semelhante do ouvinte no futuro Skinner (1957).

Skinner (1957) descreveu vários tipos de mandos: pedido, questão, mando de conselho, mando de aviso, permissão, oferecimento, e chamada. As diferenças entre esses tipos residem no comportamento do ouvinte e nas condições que o controlam, isso resulta em diferentes contingências de reforço para o falante. É comum, também, o falante suavizar a forma do mando. Por exemplo, ao invés de dizer ‘Água’, o falante poderia dizer “Estou com sede! ’, ou ‘Você pode me dar um copo d’água? ’.

Há, ainda, o mando mágico, que são operantes verbais que não podem ser explicados, já que, jamais tiveram o reforço especificado. “Em momentos de suficiente pressão, o falante simplesmente descreve o reforço apropriado a um estado de privação ou de estimulação aversiva.” (p. 70). Um homem que está perdido no deserto e privado de água poderá emitir um mando mágico através da resposta ‘Água, por favor!’ (Skinner, 1957).

O termo tacto, inventado por Skinner (1957), é definido como um comportamento verbal que é evocado por um objeto particular, ou um acontecimento, ou por propriedades deste objeto ou acontecimento, ou seja, por um estímulo não verbal e são mantidos por conseqüências sociais. O ouvinte é beneficiando pelo tatear do emitente,

pois amplia o contato do ouvinte com o meio. Barros (2003) explica que através do tacto podemos fazer contato com variados aspectos físico, social e cultural. Com o tacto nós descrevemos as propriedades dos elementos internos e externos à nossa pele, como exemplo, quando dizemos, 'Que dia ensolarado!' ou 'Meu nome é Graziela'.

A última categoria que será descrita aqui é o autoclítico. Skinner (1957) descreve que um operante autoclítico é um meio de explicar respostas que sugerem a existência de um sistema diretor, organizador, avaliador, selecionador e produtor. Existe um sistema de relações verbais de ordem superior que parece mostrar a presença do 'falante em si mesmo', ou seja, alguém que dirige, organiza, avalia, seleciona e produz os operantes verbais. No processo autoclítico, o repertório verbalizador e consequenciador é emitido por um mesmo organismo. Catania (1999) explica que damos o nome de autoclítico a comportamentos verbais que dependem de outro comportamento verbal e que modificam os efeitos de outro comportamento verbal.

Os autoclíticos podem ser descritivos ou relacionais. Os autoclíticos descritivos envolvem discriminações do comportamento verbal do próprio emitente. Os autoclíticos relacionais envolvem aquelas unidades verbais que não podem ficar sozinhas porque devem estar coordenadas a outro comportamento verbal, como advérbios, proposições e verbos conectivos (Matos, 1991; Catania, 1999).

Considerações sobre o estudo das categorias de Skinner

A partir das categorias descritas acima, é possível perceber que as categorias fundem-se, muitas vezes, aumentando a complexidade de análise do comportamento verbal. A análise do comportamento verbal exige grande destreza do analista do

comportamento. As principais dificuldades de um estudo do comportamento verbal estão relacionadas com encontrar uma metodologia adequada para o registro fidedigno do comportamento verbal. A frequência de respostas, unidade de análise largamente utilizada no registro de respostas mecânicas, não é fácil de ser adotada no estudo do comportamento verbal. Outra dificuldade é devido ao fato de que as respostas verbais podem ser controladas ou conseqüenciadas por estímulos do mundo privado.

Diante disso, o investigador não pode inicialmente, identificar os estímulos aos quais deve recorrer para previsão e controle do comportamento. Além disso, Skinner (1957) enfatiza esta problemática quando expõem explicações a respeito da causação múltipla do comportamento verbal: uma única resposta pode ser função de uma variável, e uma única variável pode afetar mais de uma resposta. Porém, apesar dessas dificuldades, estudos têm sido feitos e avanços têm sido alcançados, inclusive em estudos do comportamento verbal na atividade clínica (Barros, 2003).

Borloti (2004) explica que para identificar as categorias de comportamento verbal descritas por Skinner, é necessário fazer uma análise funcional de antecedentes para que se possa afirmar se as respostas verbais são tatos ou mandos e para explicarmos o controle múltiplo ou único de um operante verbal. Mas, ainda assim, os controles podem ser ambíguos, uma mesma resposta verbal pode ser classificada de diferentes maneiras a partir do controle de estímulos operando sobre ela. Por exemplo, em uma avenida movimentada, dizer 'pare' na presença de um carro que se aproxima de uma esquina, diante de uma placa de PARE e diante de um carro parado, pode ser classificado, respectivamente, como um mando, um textual e um tacto.

Borloti (2004) também faz um importante alerta a respeito dos autoclíticos, pois alguns deles são impossíveis de ser transcritos, como por exemplo, as entonações e as pausas, etc. Nestes casos, o áudio deve ser analisado juntamente com as transcrições para que se possa identificar esta categoria verbal.

A prática do método de análise dos segmentos verbais pode ser feita da seguinte maneira: 1) o pesquisador deve ouvir e ler várias vezes o registro verbal, que pode ser sonoro ou as transcrições do áudio, buscando ocorrências de interesse e os eventos antecedentes que parecem estar funcionalmente ligados a eles; 2) em seguida o pesquisador deve rever os dados para encontrar exemplos que confirmem a regularidade dessas relações; 3) os comportamentos de interesse devem ser agrupados em classes que compartilham funções comuns; e 4) deve ser feita a descrição do comportamento de inferir do observador, para discriminar quais amostras foram selecionadas e porque (Dougher, 1993 citado por Borloti, 2004).

Skinner (1957) esclarece que uma amostra de comportamento verbal pode ser registrada através de símbolos apropriados colocados em ordem correspondente, assim como fazemos ao escrevermos usando o alfabeto português. Este registro torna possível identificar algumas propriedades acústicas das respostas verbais. “A transcrição permite que o leitor construa um fac-símile do comportamento, o qual terá sobre a comunidade verbal o mesmo efeito que a amostra original” (p. 31).

Para isso, o método da observação direta do comportamento tem se mostrado muito útil. A partir de gravações em áudio e vídeo, assim como a posterior transcrição das falas, torna-se possível uma análise do comportamento verbal.

Referências

- Banaco, R. A. (2007). O que fazer com o falar quando o falar é tudo o que podemos fazer na terapia analítico-comportamental. Boletim Paradigma, 2, 8-17.
- Barros, R. S. (2002). Uma introdução ao comportamento verbal. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 5(1), 73-82.
- Baum, W. M. (2006). Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução. Tradução organizada por M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari e E. Z. Tourinho. 2ª edição. Porto Alegre, RS: Artmed. (Trabalho original publicado em 2005).
- Borloti, E. (2004). As Relações Verbais Elementares e o Processo Autoclítico. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva 6(2), 221-236.
- Catânia, A. C. (1999). Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição. Tradução organizada por D. G. Souza. 4ª Edição. Porto Alegre, RS: Artmed. (Trabalho original publicado em 1998).
- Chiesa, M. (2006). Behaviorismo Radical: a filosofia e a ciência. Tradução C. E. Cameschi. Brasília, DF: Cealeiro. (Trabalho original publicado em 1994).
- Delitti, A. M. C. (2002). Avaliando Sessões de Terapia Comportamental: um questionário pós-sessão é um instrumento suficiente? Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 4(2), 119-133.
- de Rose, J. C. C. (1997). O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: contribuições conceituais e experimentais. Em: R. B. Banaco (Org.). Sobre Comportamento e Cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista. Vol. 1, pp 148-163. Santo André, SP: ARBytes.
- Justi, F. R. R. & Araújo, S. F. (2004). Uma Avaliação das Críticas de Chomsky ao Verbal Behavior à Luz das Réplicas Behavioristas. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20 (3), 267-274.
- Hamilton, S. A. (1988). Behavioral formulations of verbal behavior in psychoterapy. Clinical Psychology Review, 9, 181-193.
- Matos, M. A. (1991). As categorias formais de comportamento verbal de Skinner. Em M. A. Matos, D. G. Souza, R. Gorayeb, & V. R. L. Otero (Orgs.). Anais da XXI Reunião Anual de Psicologia. Ribeirão Preto, SP: SPRP, 333-341.
- MacCorquodale, K. (1969). B. F. Skinner's Verbal Behavior: a retrospective appreciation. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 12(5), 831-841.

MacCorquodale, K. (1970). On Chomsky Review of Skinner's Verbal Behavior. Journal of The Experimental Analysis of Behavior, 13(1), 83-99.

Medeiros, C. A. (2004). Comportamento verbal: O que é? E como vem sendo estudado? Em A. M. S. Teixeira, M. R. B. Assunção, R. R. Starling & S. S. Castanheira. Ciência do Comportamento: conhecer e avançar. Vol.1, pp. 145-157. Santo André, SP: ESETEC.

Michael, J. (1984). Verbal Behavior. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 42(3), 363-376.

Passos, M. L. R. F. (2003). Análise funcional do comportamento verbal em verbal behavior. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 5(2), 195-213.

Skinner, B. F. (1957). Verbal Behavior. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.

Skinner, B. F. (1969). Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis. New York: Applenton-Century-Crofts.

Vargas, E. A. (2007). O Comportamento Verbal de B. F. Skinner: uma introdução. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 9(2), 153-174.

Vargas, E. A., Vargas, J. S. & Knapp, T. J. (2007). Análise do Comportamento Verbal segundo B. F. Skinner: um estudo. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. 9(2), 175-194.

Vieira-Santos, J. & Souza, C. B. A. (2007). Categorização de verbalizações no processo terapêutico e o operante intraverbal. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 9(2), 261-275.

